



*Para Rosalee*



*Sem vento, nenhuma ave plana.*

WILBUR WRIGHT



## Índice

PRÓLOGO	13
PARTE I	
1. O Princípio	17
2. O Sonho Ganha Forma	41
3. Onde o Vento Sopra	59
4. Determinação Inabalável	83
PARTE II	
5. 17 de Dezembro de 1903	105
6. Huffman Prairie	131
7. A Fundamental Prova N.º 1	153
8. Triunfo em Le Mans	179
PARTE III	
9. O Acidente	207
10. Um Tempo sem Igual	229
11. Razões para Celebrar	253
EPÍLOGO	281
Agradecimentos	291
Bibliografia	297
Créditos das Ilustrações	305



## Prólogo

Da Antiguidade à Idade Média, o homem sempre sonhou conquistar o céu, planar no azul como as aves. Em Espanha, no ano de 875, um sábio cobriu-se de penas para o tentar. Outros fabricaram as suas próprias asas e saltaram do topo de telhados e de torres — alguns ao encontro da morte — em Constantinopla, em Nuremberga, em Perúgia. Monges eruditos conceberam planos no papel. E, a partir de 1490, Leonardo da Vinci desenvolveu os estudos mais sérios. Sentia-se predestinado para estudar o voo, dizia, e recordava que na infância um papagaio de papel lhe aterrara no berço.

Segundo os irmãos Wilbur e Orville Wright, de Dayton, Ohio, para eles tudo começou com um brinquedo vindo de França, um pequeno helicóptero trazido pelo pai, o bispo Milton Wright, que acreditava firmemente no valor educativo dos brinquedos. Criado por um inventor francês do século XIX, Alphonse Pénaud, o brinquedo pouco mais era do que um pau com duas hélices contrarrotativas e um elástico enrolado, que terá custado talvez cinquenta cêntimos. «Olhem, rapazes», disse o bispo, com algo escondido nas mãos. Quando o largou, o brinquedo voou para o teto. Eles chamaram-lhe «o morcego».

A primeira professora de Orville na escola primária, Ida Palmer, lembrar-se-ia dele, na sua carteira, entretido com pedaços de madeira. Quando lhe perguntou o que estava a fazer, ele disse-lhe que estava a construir uma máquina do género daquela com a qual ele e o irmão iriam um dia voar.





# Parte I





## CAPÍTULO UM

### O Princípio

*Se tivesse de dar um conselho a um jovem sobre como ser bem-sucedido na vida, dir-lhe-ia: escolha um bom pai e uma boa mãe e comece a sua vida no Ohio.*

WILBUR WRIGHT

#### I.

Numa das mais expressivas fotografias dos dois irmãos, eles estão lado a lado, sentados nos degraus do alpendre traseiro da casa da família Wilbur, numa pequena rua lateral da zona oeste de Dayton, Ohio. Estamos em 1909, no auge da fama de ambos. Wilbur tem 42 anos, Orville, 38. Wilbur, de rosto fechado e inexpressivo, olha para um dos lados, como se estivesse a pensar noutra coisa, como provavelmente estaria. É magro, quase macilento, de nariz comprido, queixo bem barbeado, e calvo. Veste um fato escuro, de corte simples, e botins de cordões, muito ao estilo dos do seu pai.

Orville olha diretamente para a máquina fotográfica, com as pernas descontraidamente cruzadas. Parece algo mais encorpado e mais jovem do que o irmão e tem um pouco mais de cabelo, para além de um bigode bem aparado. Usa um fato de tom mais claro, visivelmente de melhor corte, elegantes peúgas escocesas e sapatos de estilo inglês. As peúgas eram do mais vistoso que qualquer um dos homens da

família se permitiria usar. Destacam-se também na pose, apropriadamente, as mãos, as muito hábeis mãos que, por volta da altura em que a fotografia foi tirada, haviam desempenhado um papel fundamental na miraculosa mudança que os irmãos trouxeram ao mundo.

A julgar pelas expressões dos seus rostos, dir-se-ia que tinham pouco ou nenhum sentido de humor, o que não era de todo o caso. Nenhum deles gostava de ser fotografado. «Para dizer a verdade», escreveu um jornalista, «a máquina fotográfica também não é muito amiga deles.» Mas o que é mais atípico nessa pose é que estão sentados sem fazer nada, algo a que quase nunca cediam.

Como era sabido em Dayton, os dois irmãos eram bastante reservados, laboriosos e virtualmente inseparáveis. «Inseparáveis como gémeos», dizia o pai, e «indispensáveis» um para o outro.

Viviam na mesma casa, trabalhavam lado a lado seis dias por semana, comiam juntos, guardavam o seu dinheiro numa conta conjunta, e até «pensávamos juntos», disse Wilbur. Os seus olhos tinham o mesmo azul-acinzentado, ainda que os de Orville fossem menos proeminentes e mais juntos. Tinham uma caligrafia muito semelhante, regular e legível, e as suas vozes eram tão parecidas que se alguém os ouvisse de outra divisão teria dificuldade em saber qual deles estava a falar.

Embora Orville andasse sempre mais bem vestido, Wilbur, com um metro e setenta e sete, era uns quatro ou cinco centímetros mais alto e, como se diria mais em França do que em Dayton, as mulheres achavam-no algo misterioso e bastante atraente.

Ambos gostavam de música — Wilbur tocava harmónica, Orville, bandolim. Enquanto trabalhavam, por vezes davam por si a asobiar ou a trautear ao mesmo tempo a mesma canção. Eram ambos muito caseiros. Ambos gostavam de cozinhar. As especialidades de Orville eram os doces e os biscoitos. Wilbur orgulhava-se do seu molho de carne, e no Dia de Ação de Graças ou no Natal fazia questão de tratar dos recheios do peru.

Tal como o pai e a irmã Katharine, Wilbur e Orville tinham uma energia tremenda, e trabalhar arduamente todos os dias, exceto aos domingos, era para ambos um modo de vida, tanto no emprego como em casa, fazendo «melhoramentos». Trabalhar no duro era para eles uma convicção, sentiam-se melhor e mais felizes a trabalhar à

mesma bancada nos seus próprios projetos, com os fatos e gravatas protegidos por aventais.

Por tudo isto, os irmãos entendiam-se bem, ambos cientes do contributo de cada um para a tarefa em mãos, conhecendo perfeitamente a personalidade um do outro e tendo sempre presente a noção implícita de que Wilbur, com mais quatro anos, era o elemento principal da parceria, o irmão mais velho.

O que não significa que tudo corresse sempre pelo melhor. Eles podiam ser muito exigentes e muito críticos um do outro, discordando ao ponto de vociferarem «coisas horríveis». Por vezes, depois de uma hora ou mais de acalorada discussão, estavam tão longe de um acordo como quando tinham começado, com a diferença de que cada um adotara entretanto a posição inicial do outro.

Como tem sido observado, nem um nem outro escolheram ser outra coisa que não eles próprios, uma qualidade muito valorizada no Ohio. Não só não nutriam qualquer anseio pelas luzes da ribalta, como faziam o possível por evitá-las. E quando começaram a tornar-se famosos, ambos se mantiveram assinalavelmente modestos.

Em muitos aspetos, porém, eram gémeos falsos. Havia diferenças entre eles, algumas óbvias, outras nem por isso. Enquanto Orville se mexia a um ritmo mais ou menos normal, Wilbur «mexia-se de forma tremendamente ativa», gesticulando vigorosamente com as mãos quando defendia um ponto de vista, caminhando sempre com passadas largas e rápidas. Wilbur era por natureza mais sério, mais estudioso e reflexivo. A sua memória do que via e ouvia, bem como de muito do que lera, era espantosa. «Eu tenho uma memória fraca», admitia Orville com franqueza, «mas ele nunca se esquece de nada.»

O poder de concentração de Wilbur era tal que lhe dava um ar estranho aos olhos de alguns. Conseguia abstrair-se da presença dos demais. «A impressão mais forte que se tem do Wilbur Wright», relatou um antigo colega de escola, «é a de um homem que vive sobretudo no seu próprio mundo.» Perdido nos seus pensamentos, frequentemente lhe acontecia sair de manhã sem chapéu, reaparecendo cinco minutos depois para o vir buscar.

Era consensual que Wilbur tinha também uma «presença invulgar» e se mantinha imperturbável em quase todas as circunstâncias — e que «nunca falava à toa», como orgulhosamente dizia o seu

pai. Era um orador excepcional e um escritor lúcido, o que surpreendia em alguém tão calado e, embora relutante em falar em público, quando o fazia, as suas intervenções eram invariavelmente bem estruturadas, objetivas e amiúde memoráveis. Na sua correspondência profissional, nos inúmeros relatórios e propostas que escreveu, bem como na correspondência privada, o seu vocabulário e domínio da língua estavam ao mais alto nível, em grande parte devido aos padrões de exigência inculcados pelo pai. Uma capacidade que acabou por se revelar altamente relevante para os inauditos feitos dos dois irmãos.

«O Will parece gostar de escrever, por isso deixo toda essa parte do nosso trabalho para ele», explicava Orville. Na verdade, também Orville gostava muito de escrever e, ainda que essencialmente na correspondência familiar, sobretudo nas cartas para Katharine, fazia-o com vivacidade e sentido de humor. O facto de Wilbur, nos primeiros tempos dos projetos de ambos, redigir na primeira pessoa todas as cartas relacionadas com os mesmos, como se estivesse a agir apenas por sua conta, parece não ter incomodado minimamente Orville.

Orville era o mais afetuoso dos dois. Embora falador e divertido em família, por vezes até zombeteiro, fora de casa era bastante tímido, característica herdada da sua falecida mãe, e recusava assumir qualquer papel público, deixando esse lado para Wilbur. Mas era também o mais alegre, o mais otimista e o mais naturalmente empreendedor, e a sua notável inventividade mecânica teve um papel preponderante em todos os projetos de ambos.

Enquanto Wilbur se preocupava pouco com o que os outros pudessem pensar ou dizer, Orville era extremamente sensível a críticas ou a qualquer tipo de troça. Orville tinha ainda aquilo a que a família chamava os seus «momentos estranhos» — quando se sentia muito cansado ou desprezado podia mostrar-se atipicamente mal-humorado e irritadiço.

Em público, era Wilbur quem atraía mais a atenção, mesmo quando tinha pouco a dizer. «Em comparação com o irmão», escreveu um observador, «o Sr. Orville Wright não revela uma personalidade marcadamente distinta. Ou seja, num grupo de homens, o nosso olhar não se detinha nele, ao contrário do que acontecia naturalmente com o Sr. Wilbur.»

Tal como o pai, eles comportavam-se sempre como perfeitos cavalheiros, sendo naturalmente corteses com toda a gente. Não consumiam bebidas destiladas, não fumavam nem jogavam e ambos permaneceram, como o pai gostava de dizer, republicanos «independentes». Eram solteiros e tudo indicava que assim se pretendiam manter. Orville gostava de dizer que competia a Wilbur casar primeiro, por ser o mais velho. Wilbur declarava que ainda não tinha tempo para se dedicar a uma esposa. Aos olhos dos demais, este parecia ser «acanhado com as mulheres». Como recordou um colaborador, Wilbur podia «ficar bastante nervoso» na presença de mulheres jovens.

Acima de tudo, o que ambos tinham em comum era um mesmo objetivo e uma determinação inabalável. Tinham-se lançado numa «missão».

\* \* \*

Ainda viviam em casa com o pai, um clérigo itinerante que se ausentava muitas vezes ao serviço da Igreja, e com a irmã, Katharine. Três anos mais nova do que Orville, Katharine era inteligente, bonita, muito opiniosa, a única diplomada da família e a mais sociável dos três filhos que ainda viviam em casa. Depois de ter concluído os estudos na Oberlin College de Ohio, em 1898, regressou a Dayton para ensinar Latim no novo Liceu Steele, onde, observou Orville, reprovava muitos dos futuros líderes de Dayton. Como ela própria disse sobre aqueles que considerava «claramente maus» rapazes, «cortei-lhes a espreteza pela raiz».

Elegante e asseada, com as suas lunetas de aros dourados, o cabelo castanho-escuro preso num carrapito, tinha todo o ar de professora. «De tipo baixote», nas suas palavras, media pouco mais de um metro e cinquenta, mas quem a conhecia sabia o poder que ela tinha. Numa casa com três homens e uma mulher, não tinha dificuldades em levar a sua avante. Era a mais animada da família, uma infatigável conversadora sobre qualquer assunto e todos a adoravam por isso. Era ela que trazia os colegas para casa e dava festas. Tendo idades muito próximas, ela e Orville eram particularmente chegados. Faziam anos no mesmo dia, 19 de agosto, e tinham nascido na mesma casa.